

Espaços, design, corpo e o vestir: O exemplo das calças femininas

Natalia Rosa Epaminondas (Mestranda em Design, Universidade Anhembi Morumbi)

Resumo

Análise de alguns momentos históricos que marcaram a inserção das calças no cotidiano da mulher ocidental. Classifica o surgimento de esportes e atividades de lazer, na virada para o século XX, como a configuração de novos espaços de sociabilidade informais. Classifica a ocupação pela mulher de cargos de liderança no mercado de trabalho como a reconfiguração de espaços de sociabilidade formais. Relaciona a configuração desses espaços com a aceitação social do uso das calças femininas.

Palavras-chave:

Espaço, corpo, calça

Abstract

Analysis of some historical moments that characterized the introduction of trousers in western women's daily lives. Classifies the introduction of new sports and leisure activities during the turn of the 20th Century as the construction of new informal social spaces. Classifies the increase of women in leadership jobs as the reconfiguration of old formal social spaces. Relates these spaces to the process of social acceptance of women's trousers.

Keywords:

Space, body, trousers

Em 17 de maio de 2000, o Superior Tribunal de Justiça liberou o uso de calças compridas por mulheres nas salas de julgamento, desde que acompanhadas de blazer. O STJ foi um dos últimos tribunais a derrubar essa proibição, que perdurava desde sua instalação em 1989. Antes disso, o tribunal

antecessor criado em 1946, Tribunal Federal de Recursos (TRF), também baniu o uso de calças por mulheres. O uso nas dependências do STJ, porém, já era permitido desde 1992 (STJ, 2012).

Entrevistada na ocasião, a ministra Eliana Calmon declarou ao jornal do STJ que pretendia continuar usando o traje “formal” durante as sessões, já que considerava as calças compridas um “traje esporte” (STJ, 2012). Essa categorização da calça feminina como uma peça informal tem raízes históricas, que serão explicitadas neste artigo.

A introdução das calças no vestuário feminino ocidental foi um processo que durou desde meados do século XIX até os anos 1980. As peças bifurcadas para mulheres eram usadas apenas como roupa de baixo, antes disso. As *pantalettes* do século XVIII eram retas até o joelho ou tornozelo, feitas de linho branco com renda na barra, e serviam para proteger as pernas de serem descobertas pelas saias com armação de crinolina, no caso de algum movimento brusco (LAVÉ, 1989).

Por volta de 1850, Amélia Bloomer apresentou seu traje racional para a mulher. Era composto por uma versão simplificada do corpete, uma saia ampla abaixo do joelho, e calças compridas e largas, ajustadas no tornozelo. Esse primeiro design de calça feminina, porém, foi ridicularizado por jornais da época e usado por poucas mulheres (LAVÉ, 1989).

Este artigo explora a hipótese que, na ocasião da proposta da calça feminina em meados do século XIX, não havia espaços de sociabilidade em que o uso dessa peça não fosse visto como um confronto aos valores da sociedade ocidental. Os padrões de gênero estavam estruturados de forma que a apropriação do guarda-roupa masculino pelo feminino representava uma desestruturação social.

O espaço é historicamente definido pela sua relação com o tempo. Castells considera que o espaço-tempo é construído pelas práticas sociais. O espaço físico, portanto, é um elemento material que só determina o espaço propriamente dito quando uma atividade social se expressa nele. Em outras palavras, o meio físico é mediatizado pelas condições sociais (Castells, 1983).

Ferrara acrescenta que os territórios do espaço são caracterizados pelos acontecimentos culturais que nos levam a perceber sua participação nos fenômenos da história. O espaço, portanto, supera as dimensões físicas, e se apresenta como um signo que também constrói histórias (Ferrara, 2007).

Analisaremos, neste artigo, dois tipos de espaço de sociabilidade. Em termos gerais, a sociabilidade seria a modalidade de interação entre os indivíduos, que se dá em uma rede em um determinado espaço e tempo. De acordo com Frúgali Junior, essa interação é organizada por processos e regras implícitas particulares aos indivíduos e ao espaço (Frúgali Junior, 2007).

Espaços novos, configurações novas

Com a introdução da mulher em novos espaços de sociabilidade, novos modelos de calça feminina foram ganhando adeptas. O primeiro aspecto desse processo se caracteriza pelo surgimento de novos esportes, na virada para o século XX. Mulheres começaram a usar modelos adaptados da *bloomer* para andar a cavalo, andar de bicicleta, praticar tênis e assim por diante (BAUDOT, 2002).

Quando esses novos espaços surgiram, os códigos de comportamento próprios a eles estavam sendo compostos. Em outras palavras, o surgimento de novos espaços de sociabilidade como a praia e os campos de esportes passou por momentos de transição que tinham uma permissividade para a reforma dos papéis de gênero. Foi nesse momento de estruturação dos espaços informais de esporte e de lazer, que a calça começou a ser inserida no guarda-roupa da mulher ocidental.

De acordo com a Teoria Estruturalista, a organização informal seria a rede de relacionamentos e interação que se dá de forma espontânea entre pessoas que ocupam o mesmo espaço (SILVA; BARBOSA; SANTOS, 2010). Os espaços de esportes e lazer estudados neste artigo podem ser classificados como informalmente organizados, uma vez que suas estruturas sociais não estavam, ainda, formalmente ou oficialmente determinadas.

Como aponta Crane, o uso de calças era restrito a espaços específicos (Crane, 2006). Na virada para o século XX, o design das bicicletas foi aprimorado e tomou a forma que conhecemos hoje. Nessa época, passeios de bicicleta se tornaram febre na Europa. Mulheres começaram a usar calças para facilitar a prática do ciclismo dentro de espaços como parques.

As primeiras mulheres a aderirem a essa nova prática eram de classe alta, que eram levadas de carruagem aos parques europeus, para só então andarem de bicicleta. Os parques eram espaços informais o suficiente para que essas mulheres admitissem ser vistas portando esse traje “de esporte”. Em 1892, a lei francesa que impedia as mulheres de usar calças foi suspensa apenas para a prática do ciclismo (Crane, 2006). Ainda era inaceitável o uso de calças do dia-a-dia, mas a bicicleta marcou uma etapa de mudanças do vestuário feminino ocidental.

Identifica-se, nesse evento, a valorização do conforto físico na escolha pelo uso de calças, por mulheres. Roncoletta, apoiada em Nicolini, divide o conceito de conforto em três categorias: físico, fisiológico e psicológico. O físico é aquele que se relaciona às sensações provocadas pelo ajuste da confecção ao corpo e seus movimentos (Roncoletta, 2008).

O segundo aspecto desse processo se deu pela ocupação por mulheres de novos espaços de sociabilidade de lazer. A partir do final do século XIX, trabalhadores europeus e americanos começaram a gozar do direito de férias remuneradas, devido a uma série de leis trabalhistas que estavam sendo aprovadas. Depois da Segunda Guerra, a prática das férias se difundiu definitivamente entre todas as classes (CALANCA, 2008).

Aos poucos, o lazer na praia deixou de se concentrar no mar, e as pessoas começaram a passar mais tempo na areia, praticando esportes ou socializando. A praia era outro território, assim como os parques de bicicleta e as fazendas, onde as mulheres ousavam usar calças (CALANCA, 2008).

Da década de 1920 à 1940, personalidades como Coco Chanel e Marlene Dietrich, glorificaram a imagem da mulher de calças e introduziram essa peça nos trajes de festa. Esses modelos de calças eram peças

masculinas ajustadas, ou calças femininas feitas tomando as masculinas como base. Posteriormente o design de calças femininas propriamente dito foi implementado por Jean Patou e outros costureiros que faziam roupas femininas para o lazer ou o esporte (BAUDOT, 2008).

Espaços existentes, configurações novas

Com o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, o processo de inserção da calça feminina em todas as ocasiões do guarda-roupa da mulher ocidental se completou. Ela já era usada em ocasiões informais em espaços de esporte e lazer, mas, a partir dos anos 1970 e 1980, surgiram modelos de calças femininas para ocasiões formais em espaços de trabalho (LEHNERT, 2000).

Retomando a Teoria Estruturalista, a organização formal seria uma estrutura de relações profissionais entre pessoas que ocupam o mesmo espaço. Essa estrutura é planejada de forma lógica e racional, e apresenta hierarquias de autoridade previamente definidas (SILVA; BARBOSA; SANTOS, 2010). A introdução das mulheres nesses espaços de trabalho, porém, modificou a configuração deles.

Da mesma forma que os novos espaços de esporte e lazer introduziram a calça no vestuário das mulheres ocidentais de classe alta, o espaço de trabalho braçal fez o mesmo para o vestuário das mulheres de classe operária. As trabalhadoras de minas de carvão inglesas usavam culotes desde o século XVI. As catadoras de conchas do século XVII prendiam as saias, produzindo saias-calças. Mulheres operárias do século XVIII usavam calções, calças e macacões em minas, usinas siderúrgicas e olarias (Crane, 2006).

Como essas mulheres usavam as calças apenas para o trabalho, essa prática não era tão controversa. Aos domingos, a maioria delas usava vestidos típicos da época. Crane, porém, relata um incidente em 1842, quando houve uma tentativa de proibir o emprego de mulheres nas minas de carvão inglesas, e o uso de calças foi citado como indício de más condições de trabalho e de imoralidade (Crane, 2006).

Durante a Primeira Guerra, outros tipos de empregos foram disponibilizados para as mulheres ocidentais, que passaram a usar roupas mais adequadas a sua função: as inglesas das Forças Armadas usavam o uniforme masculino, exceto por uma saia longa; as trabalhadoras de fábricas de munição vestiam o macacão da época; agricultoras inglesas trajavam jardineiras e calças de montaria (Crane, 2006).

Durante as décadas de 1970 e 1980, as mulheres ocidentais começaram a ocupar cargos altos e de liderança em empresas. Anteriormente, as posições ocupadas por mulheres eram quase exclusivamente de apoio e subordinadas aos homens (Reniciello, 1999). Com essa mudança, as mulheres enfrentaram desafios novos de sociabilidade.

Concorrendo a posições que antes eram ocupadas apenas por homens, as mulheres viram no uso da calça uma estratégia de sociabilização. Havia uma valorização do conforto físico e fisiológico, uma vez que o conceito de ergonomia estava sendo desenvolvido desde os anos 1950 (MARTINS, 2008), e simultaneamente o conforto se tornava uma característica importante ao design de moda (MENDES; LA HAYE, 2009).

A partir dos anos 1960, uma leva de estilistas estava definindo a identidade da moda *ready-to-wear* americana. Essa fase foi marcada pela explosão do *sportswear* e pela elaboração e valorização dos trajes informais. A influência das ruas e dos jovens na moda, antes definida apenas pelas grandes *maisons*, definiu essa época (MENDES; LA HAYE, 2009).

Com a popularização da calça *jeans*, a partir da metade do século XX, mulheres e homens podiam usar a peça em praticamente todos os eventos informais, como reuniões entre amigos e atividades físicas como andar a cavalo (PALAIS GALLIERA, 1995). Mas os espaços formais ainda eram livres de calças femininas.

A migração da calça, do território informal para o formal, foi acompanhada por estilistas como Calvin Klein, que na década de 1970, criou trajes clássicos intercambiáveis para mulheres trabalhadoras. Esses trajes

ainda eram considerados como de influência informal (MENDES; LA HAYE, 2009). Na década de 1980, porém, a moda ostensiva passou a ser valorizada.

A calça como ferramenta de posicionamento feminino

Considerada por historiadores como uma época em que as pessoas estavam valorizando a consciência de imagem que exprimisse sucesso financeiro, os anos 1980 foram marcados por uma preferência por grifes e pelo design de moda que assinalava a própria riqueza (MENDES; LA HAYE, 2009).

A glorificação dos estilos de vida de jovens trabalhadores com salários altos, como executivos e corretores, de ambos os sexos, era uma tendência. Inserida nesse contexto, a apropriação de roupas masculinas pelo público de moda feminino passou a ser aceita em espaços de trabalho como os escritórios. O *power suit*, conjunto que consistia de paletós com ombreiras e saias ou calças, se tornou um símbolo dessa década.

O conforto psicológico, portanto, se tornou tão valorizado quando o conforto físico, no caso das calças femininas. Roncoletta classifica o conforto psicológico, através de conceitos de Nicolini, como aquele que se relaciona à estética, aparência, situação, meio social e cultural (Roncoletta, 2011).

Em meio à reconfiguração desses espaços de trabalho predominantemente masculinos, a calça se tornou um instrumento de posicionamento feminino, por meio da apropriação de características antes consideradas como exclusivas dos homens.

Estudos da década de 1970 apontavam que, para um indivíduo ocupar um cargo de chefia, era preciso possuir características como agressividade e competitividade. Essas características eram consideradas como inerentes ao sexo masculino, ao passo que as mulheres gestoras eram acusadas de serem sensíveis, emocionais e dependentes demais (Loureiro; Cardoso, 2008).

Essa crença perpassou os anos 1980, apesar de outros estudiosos procurarem evidenciar que as mesmas características femininas criticadas anteriormente poderiam servir como um fator positivo para as organizações. A

diferença entre o número de oportunidades de carreira oferecidas aos homens e às mulheres ainda era grande, favorecendo o trabalhador masculino (Loureiro; Cardoso, 2008).

Para provar que eram capazes de ocupar esses espaços de trabalho, as mulheres tiveram que demonstrar que também eram capazes de ser agressivas e competitivas. Os ombros largos produzidos por ombreiras nos paletós simbolizavam o desejo de equiparação de poder, e emprestavam aos corpos femininos uma silhueta que não era natural, mas que era desejada para enfrentar as disputas de poder no ambiente de trabalho.

Sheppard entrevistou mulheres em cargos de gestão nos anos 1980, e relatou que as estratégias de navegação femininas do espaço de trabalho eram de proteção, e envolviam roupas, linguagem e o tipo de relações estabelecidas com colegas e superiores. Elas mantinham uma “aparência profissional”, que coordenava estereótipos masculinos como racional, competente, instrumental, impessoal, com elementos da aparência feminina. Isso se refletiu na assexualização da aparência feminina. Era preciso minimizar o erotismo nas técnicas de vestir, de falar e de agir (apud Loureiro; Cardoso, 2008).

Os homens também adotaram o uso de ombreiras, nessa época, se posicionando competitivamente nessa rede de poderes. Foi assim que a moda unissex, característica dos anos 1970, acentuou a androginia nos anos 1980 (BRAGA, 2009).

A gravidez, como sinal mais evidente da sexualidade feminina, passou a ser evitada por mulheres profissionais. Segundo Loureiro e Cardoso, “a gravidez e as responsabilidades familiares são vistas pelos profissionais do sexo masculino como um problema individual, que compete à mulher resolver” (2008, p. 233).

A mulher em cargos de liderança, portanto, adotou estratégias que envolviam a moda para se posicionar em um espaço formal de trabalho tradicionalmente masculino. A adoção das calças fazia parte dessas estratégias, como forma de assexualização e de mascarar a própria feminilidade. A intenção não era, porém, de anular completamente a aparência

feminina, mas sim de simbolizar a capacidade da mulher de possuir características consideradas intrinsecamente masculinas e que eram valiosas para o mercado de trabalho.

Considerações Finais

A aceitação social da calça feminina ocorreu na relação entre design, moda e espaço. Esse processo histórico durou quase 150 anos e aconteceu devido à criação de novos espaços de sociabilidade e à modificação de outros.

Com o surgimento de novos esportes e de novas atividades de lazer no começo do século XX, novos espaços de sociabilidade também surgiram. Suas regras de sociabilidade ainda não estavam estruturadas, o que permitiu a flexibilidade dos padrões de gênero e, conseqüentemente, o uso das calças femininas.

Nessa época, o exemplo da bicicleta é importante, porque marca a relação de influência entre um objeto de design e a moda. A necessidade de liberdade de movimentos criada pela bicicleta e a permissividade de um novo espaço de sociabilidade permitiram o uso de um novo item de vestuário feminino.

A ocupação por mulheres de cargos de liderança, nos anos 1980, criou uma nova configuração para os espaços formais de trabalho. Antes estruturados por homens em posição de chefia e por mulheres em empregos subordinados, esses espaços estavam sendo reformados.

A calça, portanto, foi uma ferramenta usada por mulheres para enfrentar as tensões de poder no trabalho. Para serem consideradas gestoras competentes, era preciso adotar uma aparência que mesclava elementos masculinos e femininos.

A partir dessa década, é possível dizer que a calça se tornou um item de vestuário feminino para ser usado em todas as ocasiões do dia. Porém, os significados sociais que se atrelaram a ela ainda estão presentes, como na

declaração da ministra Eliana Calmon, por ocasião da liberação do uso de calças por mulheres em todas as dependências do STJ.

Um dos principais tribunais do país, o STJ é um espaço de sociabilidade formal cujas estruturas sociais foram determinadas oficialmente. Portanto, a forma como os indivíduos lidam com os papéis de gênero é vigiada. O uso de calças femininas no tribunal é uma escolha ousada porque subestima esses papéis.

As calças femininas, por si só, não foram capazes de desestruturar as organizações sociais. Quando Amelia Bloomer propôs um modelo de calças para ser usado por mulheres, em 1850, ela foi ridicularizada. Porém, acontecimentos socioculturais criaram novos espaços e desestruturaram outros. Foi nesse momento de recomposição social que as mulheres tiveram capacidade de manobra para ressignificar os papéis de gênero, usando as calças como ferramenta.

Referências

BAUDOT, François. **Moda do século**. Tradução de Maria Theresa de Rezende Costa. 4. ed. São Paulo: Cosac e Naify, 2008. 400 p.

BRAGA, João. **História da moda**: uma narrativa. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2009. 111 p.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Senac, 2008. Tradução de Renato Ambrosio. 227 p.

CASTELLS, Manuel. **A Questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983. 590 p.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac, 2006. 499 p.

FERRARA, Lucrécia D'alessio (Org.). **Espaços comunicantes**. São Paulo: Annablume, 2007. 256 p.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 72 p.

LEHNERT, Gertrud. **História da moda**: do século XX. Colonia: Konemann, 2001. 119 p.

LAYER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia Das Letras, 1989. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. 284 p.

LOUREIRO, Paula; CARDOSO, Carlos Cabral. O gênero e os estereótipos na gestão. **Tékhné**: Revista de Estudos Politécnicos, Barcelos, v. , n. 10, p.221-238, 2008. Semestral.

MARTINS, Suzana Barreto. Ergonomia e moda: repensando a segunda pele. In: PIRES, Dorotéia Baduy. **Design de Moda**: olhares diversos. Barueri: Estação Das Letras e Cores Editora, 2008. p. 320-330.

MENDES, Valerie; LA HAYE, Amy De. **A Moda do Século XX**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PALAIS GALLIERA : Musée de la Mode et du Costume. **Histoires du jeans de 1750 a 1994**. Paris: Musées de la Ville, 1995. 176 p.

RENICIELLO, Shelley. The emergence of a powerful female workforce as a threat to organizational identity: What psychoanalysis can offer? **The American Behavioral Scientist**, Los Angeles, v. 43, n. 2, p.301-323, 1999. Mensal.

RONCOLETTA, Mariana Rachel. **Calçados sensuais para mulheres excepcionais**: uma reflexão sobre design de calçados para mulheres portadoras de restrições físicas. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009.

SILVA, Angela Maria Bissoli da; BARBOSA, Deranice Carlas; SANTOS, Geovani Codeco. Uma análise positiva e negativa do poder organizacional. **Universo Acadêmico**, Nova Venécia, v. 17, n. 01, p.5-10, jan. 2010. Semestral.

Referência eletrônica

STJ, Portal de Notícias do. **STJ libera uso de calças compridas por mulheres em suas sessões de julgamentos**. Disponível em:

<http://www.stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=368&tmp.texto=66405>. Acesso em: 17 maio 2012.